

# Violência escolar: o professor sob ameaça

Pesquisas mostram que a violência no ambiente escolar é um problema que atinge em cheio os professores, seja da rede pública ou particular, por meio de casos de desrespeito que se multiplicam e se materializam em histórias dramáticas. Omissão dos gestores e falta de investimentos agravam quadro

LÍVIA MENEZES  
Livia.menezes@folhadirigida.com.br

A sala de aula, que era para ser um ambiente de estudo, em muitos casos se assemelha a um ringue. Esse é o retrato das escolas brasileiras onde a violência contra professores faz parte do cotidiano. Os docentes são, em muitos casos, as vítimas e os estudantes os agressores.

Segundo pesquisa divulgada pelo Sindicato dos Professores do Ensino Oficial de São Paulo (Apeoesp) em maio deste ano, 44% dos professores da rede estadual paulista já sofreram algum tipo de violência na escola. A agressão verbal é a forma mais comum de ataque, tendo atingido 39% dos docentes, seguida de assédio moral (10%), bullying (6%) e agressão física (5%). O estudo mostra ainda que quem mais sofre violência escolar são os professores do sexo masculino que lecionam no ensino médio: 65% deles foram agredidos de alguma forma.

“Os professores são mais direta e constantemente atingidos porque lidam mais tempo com os estudantes nas salas de aula, mas há muitos casos de agressões contra diretores, funcionários e outros profissionais. É preciso dizer também que os estudantes também são atingidos por colegas”, afirmou a presidente da Apeoesp, Maria Izabel Azevedo Noronha.

Segundo dados, quatro entre dez professores já vivenciaram algum tipo de violência dentro da unidade escolar. Muitas vezes estes profissionais solicitam licenças médicas, transferência para outras unidades escolares ou abandonam a profissão. Este tipo de situação provoca insegurança em todo o corpo docente e na comunidade escolar, resultando em um ambiente propício a mais ocorrências violentas, ocasionando em prejuízos ao processo educativo.

“Na pesquisa, os professores consideram que os alunos são os principais autores, mas também as principais vítimas da violência nas escolas. Todo o ambiente escolar é atingido pelas situações de violência. No momento, estamos desenvolvendo mais três pesquisas. Duas sobre violência (o olhar dos pais e os olhares dos estudantes) e outra sobre qualidade do ensino”, explicou a presidente da Apeoesp.

Os professores e pesquisadores na área são unânimes em afirmar que o cerne da indisciplina está na falta de educação em casa, prejudicando o processo ensino-aprendizagem. O estudante não assimila regras básicas de convivência social, acha que tudo é permitido, inviabilizando a aula. Os pais ou responsáveis transferem à escola o papel de educar seus filhos, não apenas no que se refere à transmissão do conhecimento. “Os professores apontaram na pesquisa que consideram as indisciplinas dos alunos, a falta de respeito, a desvalorização da sua própria profissão, a falta de interesse dos alunos pelos estudos, presença de drogas e álcool e a falta de participação da família, entre outros, também como formas de violência”, explicou Maria Izabel Azevedo.

A pesquisa concluiu que a solução para o problema da violência nas escolas envolve uma aliança estratégica entre professores, pais, estudantes, o poder público e a sociedade. E que é preciso desenvolver dentro de cada escola projetos de esclarecimento, prevenção e combate à violência, mas que para terem sucesso precisam do apoio das famílias e da comunidade.

## Desvalorização da carreira do professor agrava o quadro

Já no Grande Rio, uma pesquisa realizada em 65 escolas públicas e particulares, sendo 13 do Rio de Janeiro, 43 de Niterói, sete de São Gonçalo e duas de Itaboraí, por 150 alunos da Faculdade de Educação da Universidade Federal Fluminense (UFF) e coordenada pela professora Marília Etienne Arreguy, revela também dados alarmantes: 68% das instituições analisadas apresentam alguma forma de violência e 85% não têm psicólogos. Maus-tratos,

brigas entre colegas e conflitos com professores foram as ocorrências mais comuns. O estudo “Relações entre Psicologia e Educação- mapeamento das práticas” foi desenvolvido entre 2010 e o final de 2011.

“A principal forma de violência é a falta de reconhecimento. Tendemos a pensá-la, em geral, como um fator concreto e visível, mas há outras formas, a princípio invisíveis, porém muito mais graves. A pior forma de violência está ligada à manutenção de um estado das ‘coisas como elas são’, como se não fosse possível mudar, melhorar e criar novas sociabilidades”, afirma Marília Etienne Arreguy, enfatizando a violência simbólica, acerca das diferenças entre classes sociais, a que estão expostos os professores. “É necessário observar, portanto, as formas silenciosas e instituídas da violência na nossa sociedade, que hipervaloriza aspectos estéticos e financeiros de uma minoria de ricos reunidos numa ilha (de caras) e que atribui salários sem o mínimo parâmetro de equivalência entre diferentes profissões (ex.: modelos, jogadores de futebol, juízes X professores, empregados assalariados, profissionais de limpeza, etc.), estabelecendo uma diferença abissal entre pessoas, como se uns fossem intrinsecamente melhores que os outros. Todas as profissões são importantes. A educação é o que funda toda cultura”, afirmou.

Segundo a pesquisadora, cada vez mais o professor é desvalorizado, e isso inevitavelmente é refletido em sala de aula. Para ela, o problema da falta de autoridade dos educadores está ligado à decadência do modelo tradicional de ordem e autoridade, que foi abalado nas últimas décadas. “Quando o professor não sabe mais ao certo qual é o seu poder, os alunos percebem. Diante da falta de identificação com uma figura que deveria ser um modelo, ademais, ao serem submetidos a uma figura falha e com autoestima em baixa, as crianças e jovens se ressentem e podem ‘atacar’ seu professor, verbal e fisicamente, afóra o desprezo e desinteresse em suas aulas, o que é muito pior”, explicou.

## Falta de profissionais de apoio dificulta solução

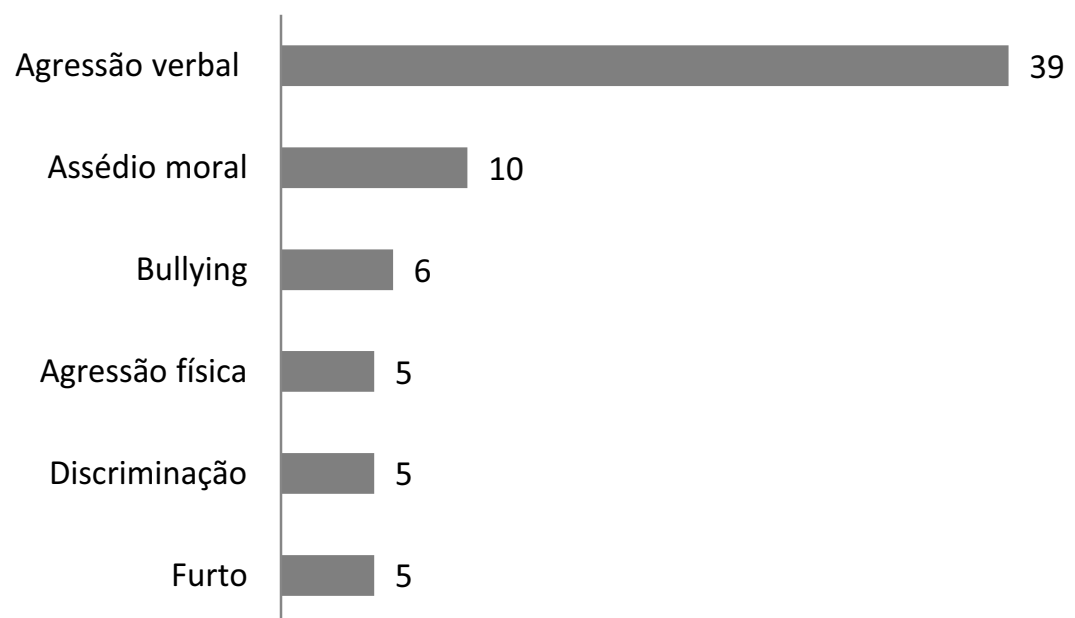
De acordo com Marília Arreguy, a pesquisa mostra que há diferenças nas formas relatadas de violência quando se comparam instituições federais, estaduais e municipais, havendo mais precariedades, em geral, nas duas últimas, o que gera mais situações objetivas de violência. “Muitos professores parecem ter medo de falar sobre (os casos de violência que sofrem), por receio de perderem seus contratos ‘precários’ quando não são concursados. Atualmente, estamos avaliando a presença ou não de policiais militares nas escolas e a opinião dos professores é muito dispar em relação a isso. Ainda pretendemos estudar mais esse fenômeno antes de divulgar dados”, disse.

A pesquisadora lamentou a ausência de profissionais de psicologia e de assistência social dentro das escolas, sobretudo nas públicas, e concluiu que a violência crescente nessas instituições de ensino é acentuada pela falta de apoio aos alunos, na sua maioria, pobres.

“O que vimos como um fator muito amplo (e sinal de uma violência objetiva do sistema contra o ensino), no estudo divulgado em 2012, foi a escassez, senão absoluta ausência de psicólogos e assistentes sociais nas escolas públicas, o que é muito grave, quando se trata de uma cultura tão empobrecida e, diríamos, do ponto de vista psicológico, machucada e humilhada como é a nossa. O descaço com a pobreza e os graves desníveis sociais que estruturaram desde sempre a sociedade brasileira produzem marcas profundas nos sujeitos, sendo fonte de sofrimento, conflito e atuação agressiva nas crianças, principalmente, dos adolescentes, que passam a ser um sintoma encarnado de uma doença social muito maior. A figura de destino dessa revolta, muitas vezes, é o professor, que está na linha de frente da educação, já que muitos pais, atualmente, não têm tempo para dar atenção aos seus filhos”, afirmou.

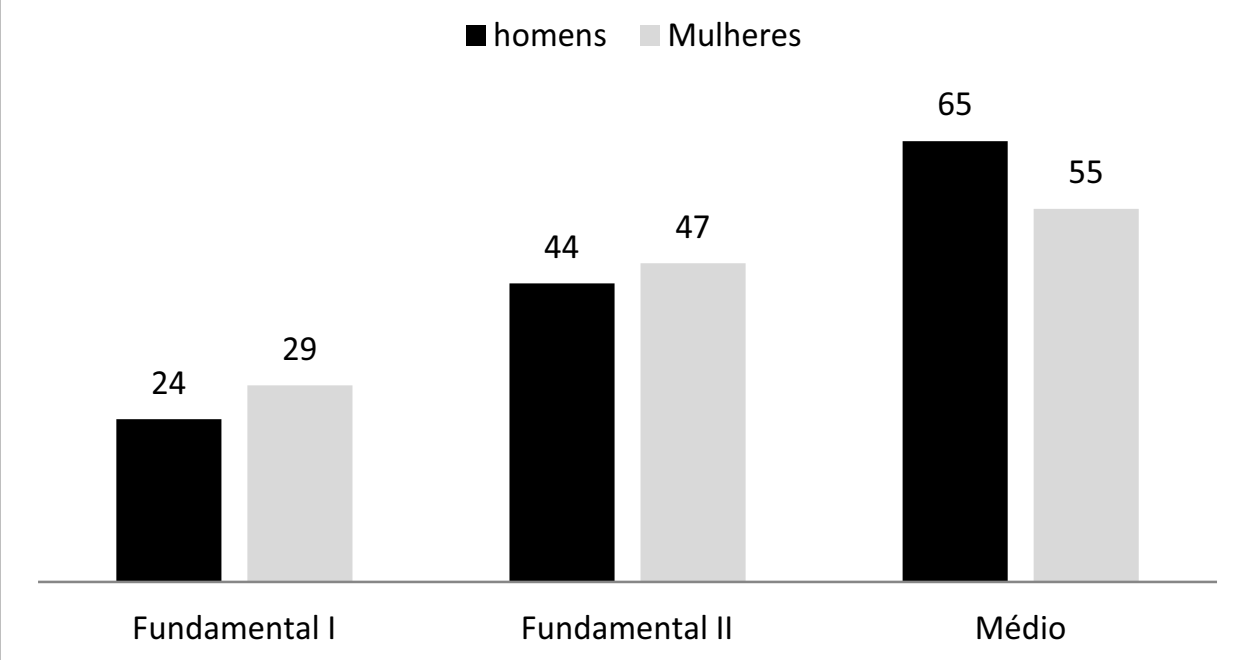
## A VIOLÊNCIA NAS ESCOLAS EM NÚMEROS

### Casos de agressão mais relatados por professores (%)



Fonte: Pesquisa Violência nas Escolas – o olhar dos professores (Apeoesp)

### Vítimas de agressão, por sexo e segmento (%)



Fonte: Pesquisa Violência nas Escolas – o olhar dos professores (Apeoesp)

## Professores relatam histórias dramáticas

Já virou rotina a violência contra professores, mas muitos dos casos não são registrados. Professora das escolas municipais Olegário Mariano e Roberto Silveira, Valquíria Cordeiro conta que nos primeiros anos de magistério enfrentou uma série de pequenas agressões por parte dos alunos.

“Um dos casos de agressão que sofri, sendo este moral, foi por parte um grupo de alunos do 7º ano do ensino fundamental. A situação aconteceu após uma guerra de bolinhas de papel, boa parte direcionada a minha pessoa. Então, resolvi dar aula em voz baixa, fazendo com que um grupo pequeno chegasse mais próximo para ouvir. Os alunos que fizeram a agressão com bolinhas ficaram em silêncio por um tempo, mas depois voltaram a dificultar a aula. Ao fim do dia fui convidada a comparecer a direção da escola para esclarecer um vídeo que os alunos fizeram, no qual eles me denunciavam por não dar aula. A reação da direção foi chamar os pais e destruir o vídeo, alegando que a ação das crianças era crime”, afirmou, acrescentando que escola era de classe média alta na Baixada Fluminense. E relata outro problema de agressão verbal, que aconteceu numa escola da rede estadual do Rio.

“Um aluno do 9º ano do ensino fundamental, após ser chamado a atenção pelo comportamento inadequado em sala, sentou-se e começou a dizer coisas do tipo: ‘depois acordo com boca cheia de formigas e não sabe por quê!’, entre outras frases de ameaças, faladas de maneira não direta”, explicou. Segundo Valquíria, a situação de agressão direta e indireta é constante dentro das salas de aula, por alunos de várias faixas de idade. Ela afirma já ter sido acusada de agressão por um aluno de 6 anos, que cursava o 1º ano do ensino fundamental. “Ele alegou que por desobediência às minhas ordens, eu o peguei pela camisa e o obriguei a entrar na fila com as demais crianças. Mas que depois de ter visto o rasgo na camisa eu mandei que ele mesmo costurasse”, afirmou, explicando que não encostou na criança e que ele estava se arrastando no chão.



ARQUIVO RESSAL

Professora Valquíria lembra com tristeza dos dias em que sofreu com o desrespeito por parte de estudantes

“Ele criou toda uma história, que a mãe acreditou, para se livrar de algo que ele tinha feito”, finalizou.

A professora Julia Lopes também relatou um caso de violência sofrido por ela durante a aplicação de uma prova na rede pública. “Os alunos estavam falando e eu pedindo para que não falassem. Um aluno então comentou a resposta de uma das questões e eu tirei a prova dele. Nesse momento ele retrucou que outras pessoas também estavam falando e proferiu um palavrão contra a minha pessoa. O encaminhei para a direção da escola”, afirmou. A professora conta que depois disso, dois alunos começaram a falar e atrapalhar a prova, e ela pediu que se calassem.

“Esses mesmos alunos começaram a provocar uma aluna da sala dizendo que a matariam e jogariam para os cães comerem, em tom de brincadeira, mas é óbvio que isso não é brincadeira que se

faça. Pedi repetidas vezes que parassem e dessem o direito dos demais concluírem as suas avaliações”, diz a professora, lembrando que, em seguida, começou a chorar por ser xingada.

“Então um dos meninos começou a rir e a dizer que eu gostava de sofrer, eu estava feliz em passar por aquilo porque eu era professora deles. ‘Ela está gostando disso’, ‘Ela gosta de sofrer’, ‘Vai dar aula em outra escola, porque aqui a senhora vai ser tratada assim’”, explicou. Júlia Lopes conta que após duas semanas, a mãe do aluno veio falar com ela e disse que o filho não era assim, que ele se tornou uma pessoa agressiva para se defender das agressões dos colegas. “Eu me senti humilhada por um rapaz de 14 anos, enquanto estava tentando ensinar. A sensação que fica é de que é difícil seguir adiante. O aluno que me humilhou foi transferido de turma e o outro saiu da escola”, concluiu.



GABRIEL SALES

Segundo Marília Etienne, muitos têm medo de relatar agressões que sofreram



ORNAÇÃO

Maria Izabel: muitos professores entram de licença médica por causa da violência